

## **A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**

**GUIMARÃES**, Wilma Cristina Evangelista B.

[wilmaunit@bol.com.br](mailto:wilmaunit@bol.com.br)

**OLIVEIRA**, Wélma Carmo de Andrade

[welmacarmo@bol.com.br](mailto:welmacarmo@bol.com.br)

**SANTOS**, Edilane dos

[letrasedilane@yahoo.com.br](mailto:letrasedilane@yahoo.com.br)

**BERGER**, Maria Amália Façanha. (Orientadora)

Graduada em Letras Português/Inglês (UFS), Mestre em Educação (UFS), Prof<sup>ª</sup> do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

[amaliafberger@yahoo.com.br](mailto:amaliafberger@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O presente artigo busca, através de pesquisa bibliográfica, analisar a importância do hábito da leitura na formação do cidadão. Para tal, apresenta elementos para reflexão a respeito do papel da escola e dos educadores no sentido de direcionarem suas práticas para a formação de leitores críticos, capacitados a participar ativamente de nossa sociedade, a qual está cada vez mais exigente. Entendemos que a escola precisa ajudar o aprendiz a se tornar um leitor autônomo, ativo, com liberdade de escolha em relação ao que quer ler. Nesse sentido, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, acreditamos que a principal mudança deve ocorrer no modo como os professores entendem o trabalho com textos e na forma como a prática da leitura deve ser desenvolvida em sala de aula, a qual deve contemplar práticas mais dinâmicas e motivadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola, dinâmicas, leitor crítico, leitura.

## INTRODUÇÃO

A universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem preferencialmente por intermédio de um alfabeto. Esses estímulos passaram a ocorrer com maior intensidade a partir do século XVIII, quando a leitura se revelou como um fenômeno historicamente delimitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu dela para sua expansão.

Segundo Raymond Williams, in Miranda (1986), desde o século XVIII, a sociedade européia e ocidental, por extensão, viveu sob o emblema da revolução duradoura, que se manifestou em diferentes níveis: o econômico, em que persistiam as conseqüências da revolução industrial, a que se associavam profundas modificações tecnológicas e científicas; e no plano político, em que a revolução democrática determinava o avanço irrefreável das formas de participação popular, na direção de um sistema comunitário apoiado na igualdade entre todos os seus membros.

Desdobra-se, então, uma revolução cultural, assinalada pela expansão das oportunidades de acesso ao saber. Esta decorreu, de um lado, da multiplicação dos meios de reprodução mecânica que difundem os bens culturais, antes privilégio de uma elite social e intelectual, como mostra Walter Benjamin in Miranda (1986) e, de outro, o fato advém da ampliação do sistema escolar que, começando sua tarefa pela alfabetização, propicia o aumento do público leitor e fortalece modalidades de expressão que não mais se transmitem através dos códigos oral e visual (tais como o teatro, o circo, a pantomima, todos extremamente populares até os séculos XVIII e XIX, mas por intermédio da escrita.

O presente artigo pretende analisar a importância que o ato de ler tem na formação do cidadão e como a escola deve direcionar suas práticas no sentido de buscar formar leitores críticos, capacitados a participar ativamente de nossa sociedade, a qual fica cada vez mais exigente em relação à qualificação do trabalhador.

Nesse sentido, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, acreditamos que a principal mudança deve ocorrer no modo como os professores entendem o trabalho com textos, na forma como a prática da leitura deve ser desenvolvida em sala de aula, a qual deve contemplar práticas mais dinâmicas e motivadoras. Além da análise teórica sobre a temática em questão, algumas idéias de dinâmicas de leitura também fazem parte deste estudo.

## **A LEITURA, O PÚBLICO LEITOR E A ESCOLA**

A consolidação de um público leitor que se converte em um mercado ativo e exigente, a partir da época de que aqui se fala, é, talvez, o fenômeno cultural mais impressionante a caracterizar a sociedade ocidental desde então. Isso determina uma mudança radical no processo de circulação da cultura, que se vulgariza, ao se mostrar adquirível por qualquer cidadão; pela mesma razão, torna-se mais democrática e popular.

Por sua vez, é enquanto um mercado atuante que o público emergente aciona uma nova indústria; a da própria cultura, e essa, uma vez em movimento, exige sempre novos contingentes de consumidores, para se expandir de modo contínuo. Enfim, sua estabilização não ocorreria sem a contribuição da escola, que se formula e funciona como um elemento de iniciação à sociedade, motivando o irreversível envolvimento ideológico do ensino e da pedagogia. Aliás, é de suma importância indagar que sociedade é esta que pode aceitar uma programação educacional idealizada independentemente dos sujeitos que dela necessitam.

É preciso entender que ler não é meramente uma atividade visual. O acesso à informação visual isto é, à percebida, captada pelos olhos, é obviamente necessário, mas não suficiente. Como afirma Smith in Miranda (1986), podemos estar enxergando perfeitamente um texto e, ainda assim, não conseguirmos lê-lo por estar escrito em uma língua que não conhecemos. Esse conhecimento da língua é imprescindível e já devemos possuí-lo antes de nos empenharmos na leitura do texto. Ele faz parte do conhecimento que possuímos guardados na memória, ao qual damos o nome de conhecimento prévio ou informação não-visual.

Neste caso, além do conhecimento da língua e do conhecimento prévio, é necessário haver outros tipos de conhecimentos ou informações visuais, sobre o assunto de que trata o texto. É possível também que um leitor não consiga ler um texto que, embora escrito numa língua que ele domina, trate de um assunto sobre o qual ele não tem informações. Também nesse caso diríamos que lhe falta informação adequada.

Na verdade, a informação visual que utilizamos na leitura compreende tanto o conhecimento da língua e do assunto do texto, como também todo e qualquer outro conhecimento que possuímos, e que compõe a nossa teoria do mundo. Isso inclui tudo o que sabemos, desde o nome da cidade em que vivemos até as relações e conceitos mais complexos. Todo esse conhecimento está, de alguma forma, armazenado em nossa memória, juntamente com o conhecimento da linguagem e é utilizado no processo de leitura permitindo dar sentido àquilo que a visão capta.

À medida que o leitor descobre o significado real de um texto, ele se envolve em vários passos, isto é faz referências, vê implicações, julga a qualidade, eficiência ou adequação das idéias, compara os pontos de vista de autores diferentes, aplica as idéias adquiridas a outras situações, soluciona problemas e integra as idéias com as experiências prévias.

No entanto, para que isso ocorra, a motivação para leitura na escola deve envolver a curiosidade e abrir a mente do aluno para novos conhecimentos e informações. Porém, nos deparamos com uma realidade conservadora e ultrapassada em que o professor é ainda quem faz as escolhas das leituras para os seus alunos e a leitura é, geralmente, um ato solitário. No entanto, segundo Sônia Kramer, ler é uma corrente “em que a leitura é partilhada e, tanto quem lê quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiadas” (1996, p.108).

Sabemos que a leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas se insere num contexto que vai desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. Abrange, pois, desde capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização até as capacidades que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas e contribuem para o seu letramento.

Ler com compreensão inclui, além do entendimento linear, a capacidade de fazer inferências. Essa compreensão depende da capacidade de construir uma ligação que unifique e relacione os conteúdos lidos, compondo um todo coerente. Interferir diz respeito a compreender os textos lendo nas suas entrelinhas, realizando operações como associar elementos diversos, presentes no texto ou que fazem parte das vivências do leitor, para compreender informações ou inter-relações nas informações que não estejam explícitas no texto.

Porém, como a capacidade de compreensão não vem automaticamente nem plenamente desenvolvida, ela precisa ser exercitada e ampliada, através de diversas atividades, que podem ser realizadas antes mesmo que os alunos tenham aprendido somente a decodificar o sistema de escrita. Cabe ao professor, como mediador dessa aprendizagem, levar o aprendiz à compreensão de textos, aplicar os conteúdos de forma criativa e motivadora para que o gosto e o interesse pela leitura sejam despertados e praticados efetivamente nas escolas e fora dela.

Um sério problema a ser enfrentado é a falta de hábito à leitura, que já começa nas primeiras séries do primeiro grau. Uma das possíveis explicações para isso está no fato de muitos textos utilizados serem muitas vezes ultrapassados e distantes dos problemas da realidade dos alunos, não constituindo nenhuma motivação para eles.

Uma alternativa para reverter esse quadro é quando o professor contribui para o desenvolvimento da capacidade de compreender textos quando propõe o reconhecimento de diferentes gêneros textuais no sentido de instigar os alunos para uma leitura prazerosa e voltada para realidade deles. Como definem os PCNs (1998, p. 48): “Ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do gênero, quanto das particularidades do texto selecionado (...)” (PCN,p. 48).

Os gêneros podem ser considerados como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação, afirma Doez Eshneuwly (1996). Trata-se de formas relativamente solidificadas tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais das práticas de linguagem. Assim, os gêneros enquanto fórmulas historicamente cristalizadas nas práticas sociais fazem a mediação entre a prática social, ela própria e as atividades de linguagem dos indivíduos.

## **A PRÁTICA DA LEITURA E O PROFESSOR COMO AGENTE MOTIVADOR**

Se a leitura é um ato indispensável para o aluno, o é mais ainda para o professor; no entanto, deparamos com percentual bastante elevado de professores que não tem esse hábito, pelo simples fato de não gostar de ler. Isso nos leva a refletir de que modo iremos incentivar os nossos alunos a ler, se nós como docentes e exemplos para eles reagirmos negativamente em relação à leitura?

Antes de continuarmos com nossa análise, apresentamos uns dados interessantes ligados à temática em questão: uma pesquisa realizada pela Revista Nova Escola em set/2006, revelou que: somente 41% dos docentes lêem ao menos um livro por mês; 37% dos brasileiros afirmam que tomaram gosto pelos livros graças à influência do professor; 69% dos professores revelam que nunca vão a uma biblioteca.

Lamentavelmente, acreditamos que esse quadro deve-se ao fato de que muitos professores passam para o aluno a mesma visão de ensino que tiveram em sua formação. É necessário então, que haja uma nova postura por parte dos nossos docentes de como aplicar uma atividade de leitura para os seus alunos. E sobretudo, despertar neles o gosto de ler.

Sabemos que é na escola, pela mediação do professor e com a ajuda do livro didático e de outras disciplinas escolares que os estudantes aprenderão a ler, a escrever e a enxergar sua própria realidade e a realidade do outro. Essa relação é essencial aos jovens, que pelo contato e pela exploração de diferentes textos e por meio de ações intermediadas, passarão a interagir entre si, a produzir um conhecimento partilhado e até conseguir melhorar as habilidades lingüísticas da fala e da escrita. Sim, pois a leitura deve vir acompanhada de debates e os alunos devem sempre ser motivados a expressar suas idéias também por escrito, sempre sendo valorizados aí as experiências de vida de cada um e o conhecimento coletivo de mundo.

O professor tem a liberdade de escolher as obras didáticas para os seus alunos em função do conhecimento que tem dos livros, da escola e dos alunos; pode ainda usar materiais impressos para o ensino de sua disciplina: revistas, jornais, dicionário: e até mesmo, elaborar seus próprios textos, incentivando assim as muitas formas de ler e escrever. Como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados a disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas entre outros (PCN, 1998, p. 71).

Ou seja, o livro e outros materiais que reforçam a aprendizagem dos alunos devem estar sempre ao alcance para que eles possam fazer uso desse material com mais frequência. Como tal, do ponto de vista da aprendizagem escolar sejam considerados como instrumentos que possam fornecer suporte para atividades que funcionam como referências para os aprendizes.

Algo interessante a ser destacado é o aumento do número de leitores significa um aumento no acesso às informações mais objetivas. Com isto, os aprendizes passarão a ser críticos da realidade, além de tentar transformar essa realidade a partir do que foi conhecido e construído durante as leituras. Segundo Rangel (1990), o hábito da leitura constitui-se em uma prática básica, necessária ao processo de ensino-aprendizagem e que nada substitui a leitura, apesar dos vários apelos audiovisuais que marcam nossos dias, principalmente no que se refere à informática.

Entendemos que a leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, de perseverança e da dedicação em aprender e que o hábito de ler demanda prática diária, mas nem sempre é um ato prazeroso porém, sempre necessário. Por este motivo, deve-se recorrer à estímulos para introduzir o hábito de leitura em nossos alunos.

A escola tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa um lugar de grande destaque.

Se por um lado é relativamente fácil constatar a presença de leitura na escola, torna-se um pouco mais difícil discutir as condições concretas de produção de leitura. A importância e a necessidade do ato de ler para os professores e alunos são irrefutáveis, porém, é necessário



analisar criticamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escolar.

O discurso e o bom senso mostram que a leitura é relevante no processo de escolarização das pessoas, porém, os recursos reais para a prática da leitura na escola podem, entretanto, contrapor-se a esse discurso. Assim, a dimensão quantitativa e a dimensão qualitativa do processo de leitura, dependem das condições escolares concretas para a sua produção.

Os processos de memorização de conteúdos impedem que o leitor se torne sujeito do trabalho que executa. Freire (1985) chama isto de “educação bancária” – em que o professor passa para o aluno um conjunto de informações apenas para encher a cabeça dele com informações. Com isso, segundo nosso grande educador, é gerada uma situação de passividade, em que o aluno passa a ler mecanicamente sem efetivamente transformar a informação em conhecimento.

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memoriza-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto (Paulo Freire, 2001, p.17).

Acreditamos que o primeiro passo para se reverter esse quadro negativo quanto à leitura é através de uma mudança de postura da parte de muitos professores e professoras; ou seja, é necessário que eles e elas se encantem e se apaixonem por essa prática antes de cobra-la de seus alunos até por meio de ameaças e broncas.

Ao encarar a leitura como uma prática apaixonante, ela acabará tornando-se prazerosa. É importante que, na sala de aula, a leitura não seja tratada como algo secundário feito só para cumprir com plano de aula ou para ocupar o tempo que restou da aula. Os alunos, como leitores em formação, devem receber da escola estímulos para que a leitura torne-se um hábito saudável que eles levarão para fora de seus muros, até suas casas.

Quando em casa a criança convive com pessoas (familiares) que gostam de ler e que efetivamente têm o hábito da leitura, isso pode se tornar um estímulo para que ela também aprenda a gostar de ler. No entanto, sabemos que essa é uma realidade um tanto distante, principalmente do ensino público, uma vez que os custos com a compra de livros, revistas e jornais é alto para a maioria da população brasileira. É nesse sentido que a escola ocupa um lugar de extrema importância, pois para muitos alunos e alunas, é lá o único lugar em que elas encontrarão oportunidade de despertar para esse hábito maravilhoso.

É preciso que o leitor perceba vínculos entre o mundo à sua volta e o mundo trazido pelos livros e faça uma leitura além das palavras e a escola tem o dever de mostrar isso para ele. Aprender a ler não é uma atividade natural, como comer, dormir é preciso haver uma orientação, um mediador entre aprendiz e aprendizado.

É lendo que se aprende a ler e é preciso que os alunos sejam colocadas em contatos com os livros. O hábito de ir a biblioteca deve ser despertado ainda na infância, como é o hábito de ir ao parque, ao zoológico. É pertinente também dialogar sobre a obra lida, pois este leva o indivíduo a analisar a obra e formar idéias em respostas a seus questionamentos esse tipo de atividade é uma reação à obra trabalhada.

No entanto, para que a leitura faça sentido como aprendizado, é preciso que sejam também trabalhados textos que falem do cotidiano, do dia a dia da sociedade. Com isso tudo já exposto até agora, a leitura ganhará importância como prática social e a intervenção da escola deve ser positiva.

As instituições educacionais há muito vem discutindo esta questão, a da leitura como prática social, por vezes desvendando os processos de desenvolvimento da leitura, a fim de se apurar o melhor método utilizado em sua aprendizagem. Há uma constante busca de lógica desses processos, de algo que possa ser considerado científico, passível de ordenamento hierárquico,

classificações, na explicitação de tal lógica, há uma aplicabilidade da linguagem, isto é, utiliza-se a linguagem como instrumento que esclarece, que expõe, que comenta. Acaba-se até por esquecer que é da própria linguagem que se fala e que, uma vez ordenada em categorias, fica sujeita a fragmentação e corre o risco de não mais ser reconhecida em sua totalidade.

Talvez o equívoco está no fato de que a busca do melhor método de aprendizagem de leitura ser sempre externa, tanto em relação ao professor quanto ao aluno. A ciência positiva permite (e leva a) essa forma de se lidar com a natureza humana; forma distanciada em que professor e aluno, não se constituindo em sujeitos do seu próprio trabalho, limitam-se a cumprir um papel previamente determinado: fazem parte de uma instituição educacional voltada ao ensino, mas que não ensina, e culpa alunos e professores pelo fracasso escolar. Ao mesmo tempo, essa forma distante de ensinar cumpre com a função parcial de acabar com o analfabetismo, mesmo que no fundo isso contribua para manter a enorme distância entre os que têm acesso ao conhecimento e os que não têm.

Onde nos situamos nesse processo? Quanto à busca de novas alternativas de ensino e aprendizagem da leitura, sabemos que cada vez que um novo modelo é aplicado, as esperanças se renovam, no sentido de se descobrir se desta vez o problema poderá ser resolvido, mas fica sempre a falha se nesse processo o amor pela leitura não estiver nos educadores, em primeiro lugar.

Entendemos que é preciso experimentar formas novas de se trabalhar com a leitura em sala de aula, bem como renovar as já tradicionais, mas sempre respeitando o aprendiz como sujeito de sua própria aprendizagem, levando-o a vencer aquela situação já cristalizada em muitas salas de aula de que eles são incapazes, pessoas sem criatividade.

Continuando nossa reflexão, o que temos hoje, ainda em grande escala, é a leitura como prática mecânica de aprendizagem. Temos uma escola que clama seu direito de formar os leitores dessa

sociedade, sem que a mesma seja considerada dentro do ambiente escolar. E é esta mesma escola que se quer discutir a leitura como prática social, articulada com as demais práticas que ocorrerem em uma sociedade.

É de suma importância indagar que sociedade é esta que pode aceitar ou conceber uma programação educacional idealizada independentemente dos sujeitos que dela necessitam; que política educacional é esta que acredita e suas propostas educacionais circunscritas em um mundo fechado em que os avanços técnicos e científicos podem por si só dar conta da constituição de leitores em uma sociedade em transformação? Trata-se de uma política estruturada em bases estipuladas pelo próprio técnico da educação ignorando as reais necessidades da população escolar, de onde qualquer programa de Educação deveria começar.

Só é possível pensar na leitura como prática social se os educadores se conscientizarem de que o fundamental o objetivo primeiro da ação educativa é a transformação da relação cidadão-sociedade, já que é nesta que os programas educacionais se circunscrevem. Assim, ao discutirmos a leitura como prática social, é na vida dos homens que é necessário se situar, pois se entende como prática social a interação do homem com a história, que transforma suas condições objetivas.

Por isto, não queremos situar a criança e a leitura na dimensão da busca de novos caminhos de aprendizagem. Precisamos ser mais reflexivos como educadores e não criticar os aprendizes por não fazerem o que nós também não fazemos, se esse for o caso: ler, ler e sonhar, ler e pensar, sem as amarras do verdadeiro, do certo e do errado, mas sim, soltando fantasias, dialogando com o texto fazendo as articulações com o real diversificando, porque faz parte da vida dos grupos sociais e dentro deles constitui a vida de cada um.

Esse leitor existe, mas fora da escola. Será que nós nos identificamos com ele? O que temos feito para que este leitor sobreviva? O que lemos? Textos sobre a aprendizagem da leitura

ou a própria literatura e percebemos como esta foi entrando nas vidas das pessoas? Tomamos as palavras de Lygia Bojunga Nunes (1988, p. 27), recolhidas da sua obra *Livro*, para encerrar esta parte de nossa reflexão sobre o papel do professor e da escola no despertar do leitor crítico e da leitura prazerosa e do potencial criativo que pode ser despertado em cada leitor:

Aos sete anos, um livro chamado *Reinações de Narizinho* tinha acordado a minha imaginação e eu tinha me tornado uma leitora, quer dizer, um ser de imaginação ativa, criativa. Eu, leitora, via com a minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras. [...] eu sou leitora, logo, eu participo intimamente desse jogo maravilhoso que é o livro; eu sou leitora, logo eu crio. Ao enfatizar a participação dos alunos no processo de ensino Giroux (1986, p.35) “propõe que as formas de transmissão do conhecimento devem ser substituídas por relações de sala de aula nas quais o aluno passa desafiar, discutir e questionar a forma e o conteúdo do processo do ensino aprendizagem”.

Então, é fundamental trazer para escola textos motivadores para trabalhar a leitura, ler somente o livro didático em sala de aula e apenas quando o professor pede, não contribui para formar um novo aprendiz e, conseqüentemente, para formar um bom leitor. Se o aluno só aprende a ler lendo, e se o material de que ele dispõe é o livro didático, cabe ao professor incentivar os alunos, trazendo para a sala de aula novos materiais como textos literários, revistas, noticiários, etc.

## **PRÁTICAS DINÂMICAS DE LEITURA E O PRAZER DO ATO DE LER**

Já discutimos que ler é uma prática básica, essencial que está intrinsecamente ligada ao ato de aprender. Nada – equipamento algum – substitui a leitura. Mesmo numa época em que a informática se impõe com todo o seu poder econômico e processual, pode-se (re)afirmar: Nada –

e equipamento algum – substitui a leitura. Aliás, o que vem acontecendo é justamente o contrário: a tecnologia vem fazendo com que as pessoas leiam com maior frequência, obviamente as que tem acesso a computadores, principalmente com acesso à Internet. O que importa, no entanto, é a qualidade do que se lê e como se lê.

A leitura nem sempre é um ato agradável, nem sempre é um prazer, seja pela forma do texto, seja pelo conteúdo, pelas habilidades requeridas, pelo nosso momento pessoal (emocional) pelos interesses que nos motivam, nem sempre atendidos pelo texto etc. assim, muitas vezes, é natural que nos sintamos desanimados com algumas leituras, esperando que cheguemos ao fim e sentir a sensação de alívio, missão cumprida.

Contudo, agradável ou não, prazerosa ou não, confortável ou não, é necessária, é indispensável, quando se trata de aprendizagem e aprendizagem em qualquer nível, ou seja, do 1º grau à pós-graduação, e em qualquer circunstância, ou seja, na escola ou fora dela, em grupo ou só. Isso é fato! A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, da perseverança, da dedicação em aprender.

Pensando nisso, recorreremos à análise de algumas propostas de dinâmicas de leitura em sala de aula, que tenham como objetivos estimular a prática da leitura em sala de aula, auxiliar o desenvolvimento de habilidades de atenção e observação, incentivar a organização e a expressão de idéias, estimular o aumento e a fixação de vocabulário, incentivar a criatividade e diversificar atividades de ensino e aprendizagem.

As Dinâmicas de leitura, reafirmamos são utilizadas para auxiliar e para fixar a aprendizagem, para introduzir elementos que estimulam o trabalho de ler e aprender, para incentivar habilidades necessárias aos estudos (observação, organização e expressão de idéias, etc.), para diversificar atividade em todos os graus de ensino e em qualquer disciplina” ( Rangel, 2002, p.15).

Dinâmicas de leitura são técnicas e, como tais, são procedimentos de trabalho usados como elementos que auxiliam a competência do professor. São utilizados para o auxílio,

aprendizagem, para estimular a leitura e o aprendizado, para organizar e expressar idéias, diversificar atividades em todos os graus de ensino e em qualquer disciplina.

A idéia é que, ao se trabalhar conteúdos através de dinâmicas como recursos auxiliares, que o resultado seja um bom desempenho docente e discente. O professor, portanto, deve fazer uso de dinâmicas de leitura como um educador, entendendo-as como recursos auxiliares que se colocam à sua disposição para um trabalho competente.

As dinâmicas de leitura consistem em mobilizar os alunos para a leitura de textos de estudo, em qualquer Disciplina e grau de ensino, indicando tarefas que serão realizadas após a leitura. As dinâmicas devem ser explicadas antes para que funcionem como estímulo para que a leitura seja feita com mais atenção e interesse.

A seguir, destacamos dois exemplos de dinâmicas de leitura propostos por Mary Rangel (2002) em sua obra *Dinâmica de Leitura* por entendermos que são idéias interessantes e que possam contribuir para tornar as aulas mais agradáveis e motivantes.

Na primeira dinâmica, a professora/o professor pede que os alunos desenvolvam a habilidade de recontar o que ouviram sem repetir o que o colega disse antes dele. Nesse caso, é solicitado que os alunos leiam um texto (o mesmo para todos da turma). Depois, cada um vai dar uma informação sobre o que foi lido sem, no entanto, repetir o que já foi dito pelo colega anterior.

Dessa forma, os alunos são motivados a darem sempre uma informação diferente das apresentadas anteriormente pelos colegas, o que pode se tornar um desafio interessante e divertido, principalmente se o texto for apropriado para a faixa etária dos alunos, o que trará estímulo para que eles participem. A dinâmica deve ser concluída quando as informações sobre o texto se esgotarem. A última etapa consiste nos comentários do professor ou professora sobre o que foi apresentado.

A segunda dinâmica tem como nome *O que você diz?* Nela, o professor indica a leitura de um texto e solicita a um aluno que complete, livremente, com suas idéias, a frase: “o que o texto me diz...”. Depois, é solicitado a um segundo aluno que complete, livremente, com suas idéias, a frase: “o que eu digo ao texto:...”. Em seguida, o professor solicita a um terceiro aluno que complete, com suas idéias a frase: “O que eu digo aos meus colegas:...”. OBS.: A dinâmica poderá ter continuidade com novos alunos completando as frases.

Este tipo de dinâmica ajuda o aluno a pensar, a desenvolver suas idéias, a criatividade, uma vez que ele dará continuidade tanto à estória quanto ao que os outros colegas disseram. Acreditamos que por sair da rotina diária de apenas ler livros mecanicamente e individualmente, os alunos se sentirão motivados e a interação entre eles poderá ajudar na formação de leitores críticos e de pessoas que respeitem as diferentes opiniões dos outros integrantes de seu grupo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A importância dada ao ato de ler e as proposições de trabalho sugeridas permitem-nos afirmar que a leitura é pensada num processo total de percepção e interpretação dos sinais gráficos e das relações de sentido que os mesmos guardam entre si. Ler não é apenas decodificar palavras, mas converter-se num processo compreensivo que deve chegar às idéias centrais, às inferências, à descoberta dos pormenores, às conclusões de cada leitor.

Concluimos, então, que a desenvolvimento da prática consciente da leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, além de aumentar a possibilidade de igualdade entre os indivíduos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

**FULGÊNCIO**, Lúcia; **LIBERATO**, Yara. **Como facilitar a leitura**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

**FOUCMBERT**, Jean. **A leitura em questão**. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 1994.

**FREIRE**, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 42ªed. São Paulo: Cortez, 2001.

**GIROUX**, Henry A. **Novas políticas em educação**. Tradução ( de) Magna França Lopes. Porto Alegre, Artmed,1999.

**KRAMER**, Sônia .**Histórias de Professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo,Ática, 1996.

**LAJOLO**, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo. Ática, 2004.

**MIRANDA**, José Fernando. **Interpretação criativa de texto**. 2. ed. Porto Alegre. Sagras.

**NUNES**, Lygia Bojunga. **Livro**. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

**RANGEL**, Mary .**Dinâmica de leitura para sala de aula**. 17ªed. Rio de Janeiro. Vozes, 2002.

**SAITH**, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto alegre. Artmed, 1997.

**SILVA**, Ezequiel T. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo. Cortez- Autores Associados, 19